

A EXPRESSÃO DO MODO IMPERATIVO NO DIALETO GAÚCHO: UMA REGRA VARIÁVEL¹

Daniela Cardoso²

danicardoso96@hotmail.com

RESUMO: Este texto discute algumas considerações acerca do uso do imperativo no dialeto gaúcho. À luz da Teoria da Variação Lingüística, modelo laboviano, buscamos esclarecer quais fatores lingüísticos e extra-lingüísticos estão envolvidos na produção do imperativo. Através do pacote de programas VARBRUL 2S, efetuamos a análise das variáveis lingüísticas e sociais. Nossa amostra foi composta pelas noventa e seis entrevistas de experiência pessoal, parte do banco de dados VARSUL, compreendendo as cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja. Considerando o contexto do Rio Grande do Sul, região de uso corrente de pronome de segunda pessoa singular – *tu*, compomos nossa variável dependente como sendo o imperativo associado ao indicativo. São, portanto, variantes, além do indicativo, o subjuntivo e o infinitivo. O programa selecionou como estatisticamente relevante as variáveis: Polaridade da estrutura, Contexto precedente ao verbo, Vogal imediatamente precedente à forma verbal conjugada, Conjugação Verbal, tipo de texto, Posição do Pronome, Contexto Seguinte e Sexo. A análise efetuada evidenciou o amplo uso da variante indicativa para formar o imperativo no dialeto gaúcho.

PALAVRAS-CHAVE: Variação lingüística. Imperativo. Dialeto Gaúcho.

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura apresentar os resultados de uma investigação efetivada no ano de 2004, a qual buscou elucidar alguns dos condicionamentos lingüísticos e extra-

¹ Este trabalho representa parte da dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em letras da PUCRS, sob orientação da professora doutora Cláudia Regina Brescancini, tendo sido aprovada em 2005.

² Professora de Lingüística, sociolingüística e redação científica da Faculdade de Ampere – PR. Professora de comunicação e expressão e de metodologia científica – União de Ensino do Sudoeste do Paraná.

lingüísticos envolvidos no uso do *modo imperativo associado ao indicativo* para formar sentenças imperativas. É importante esclarecer que esse tipo de sentença é, particularmente, utilizado para expressar *ordem, pedido, súplica, convite, prescrição, sugestão, exortação, advertência, conselho*. Ainda que seja possível reconhecer diversas possibilidades de se expressar uma determinada ordem, ou um pedido, em língua portuguesa, é o *imperativo* o modo verbal específico para tal função, bem por isso, é esse o objeto de nosso estudo.

1. CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A teoria laboviana (LABOV, 1972a) constitui teoria privilegiada quando se trata de analisar a língua em uma perspectiva social. Tal abordagem apresenta categorias que, se pretende, sejam capazes de correlacionar as motivações internas ao sistema lingüístico e as advindas de fatores sociais, em processos de variação lingüística, concebidos como inerentes à língua. Na tarefa de relacionar estes aspectos, um conceito dos mais importantes para estudos sociolingüísticos quantitativos é o de variável lingüística.

Na variável lingüística se conjugam duas maneiras de expressar o mesmo significado. Trata-se de uma “entidade” capaz de perpassar todos os níveis de análise lingüística, lexical, discursivo, fonológico, sintático (LABOV, 1972a, p. 253). A variável lingüística pode dizer respeito a qualquer uma dessas áreas e mesmo ser avaliada estatisticamente em cada uma delas.

Em um primeiro momento, se poderia pensar que a variável lingüística recobre unidades da lingüística estruturalista, no entanto, nessa teoria, a variável só existe para que se possa medir a freqüência de realização de cada “forma” aplicada para o mesmo referente. Com isso, queremos afirmar que a variável lingüística recobre mais do que seu significado lingüístico puro. É justamente o fato de envolver uma dada relevância de freqüência de realização de cada variante que torna a variável lingüística capaz de portar significados sociais. A freqüência de realização e os fatores envolvidos nas situações de uso de cada variante são os indicadores de significados outros que não somente o referente lingüístico da variável.

A variável lingüística é um lugar onde o social e o lingüístico se encontram. Uma

determinada variável pode significar bem mais do que seu referente lingüístico envolvendo fatores de ordem de identidade, de pertencimento, de *status* entre outros. Os sujeitos podem significar-se no vazio da variável lingüística, sem intermédio da língua em si (PAGOTTO, 2001, p. 27-34). No uso de uma determinada variante da variável em questão, os sujeitos se posicionam socialmente, como pertencentes a uma dada região, por exemplo. É por esse motivo que este conceito é capaz de portar significados sociais profundos.

À luz dessas concepções primeiras é que se estabelece um método de análise quantitativo, para avaliar a aplicação da variável dependente. Este método é assim chamado por trabalhar com dados numéricos submetidos a tratamento estatístico.

Outro conceito de suma importância para pesquisas em Teoria da Variação é o de *mudança lingüística*. As variações (dialetais/sociolingüísticas), se analisadas em uma perspectiva diacrônica, podem revelar processos de mudança lingüística em curso ou variação estável do sistema lingüístico (Labov, 1972a). Os dados podem revelar duas realidades: uma relação de convivência entre variáveis através da subsistência e ou coexistência de variantes ou uma situação de mudança em progresso, na qual uma das variantes precisa vencer. A vencedora fixa-se na língua e caracteriza a mudança. Assim, toda mudança pressupõe processos de variação.

É com esse olhar teórico que observamos nossos dados. No entanto, é fundamental afirmar que, mais do que aplicação de um método de investigação, as categorias de análise propostas pela Teoria da Variação representam neste estudo a busca por uma real concepção sociolingüística do fenômeno. O fenômeno lingüístico foi concebido como envolvido em processos históricos e que reflete situações, culturas, relações humanas. Nesse sentido, a análise estatística nos revelou números que procuramos analisar com base nessa concepção de língua. Assim, pretendemos que tanto o método de análise quanto a abordagem do objeto de estudo sejam sociolingüísticos.

2. CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Os dados para esta pesquisa concentram-se na fala do Rio Grande do Sul. Dispomos de 96 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto VARSUL

(Variação Lingüística Urbana na Região Sul do País)³, referentes às cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja.

Em nossa pesquisa, no entanto, optamos por uma divisão etária diferente da proposta no *corpus* VARSUL: mais de cinquenta anos e menos de cinquenta anos. Nossa escolha impossibilitou a manutenção do caráter estratificado da amostra. Entendemos que tal divisão etária não nos possibilitaria verificar se o fenômeno em questão é de variação estável ou mudança em progresso. Também apresentamos a divisão entre ensino fundamental e ensino médio por pretendermos uma análise mais polarizada para a variável *Escolaridade*. Vale ressaltar que o *corpus* VARSUL considera essa variável com três fatores: Primário, Ginásial, Colegial.

Além disso, algumas entrevistas não apresentaram ocorrência de imperativo, a saber: entrevistas 03, 05 e 12 de Porto Alegre; entrevistas 01,14 e 24 de Panambi; entrevista 24 de Flores da Cunha e entrevistas 04, 12, 18, 20 e 22 de São Borja.

3. ABORDAGEM GRAMATICAL/PRESCRITIVA

As gramáticas normativas estabelecem uma distinção formal entre ordem e proibição. O português emprega formas distintas para o imperativo afirmativo e para o imperativo negativo. Em manuais prescritivos, este modo verbal é apresentado como derivado, com a seguinte especificação:

a) a segunda pessoa do singular (tu) e também a segunda do plural (vós) são derivadas do modo indicativo, diminuídas do “S” final;

b) as primeiras e terceiras pessoas do imperativo afirmativo e todas as demais posições do imperativo negativo derivam do subjuntivo. (BELLARD, Hugo, s/d, p. 5).

Além de normalizar o uso, algumas gramáticas propõem esclarecer as características envolvidas nos modos verbais. Rocha Lima (1979, p. 112) define o imperativo como o modo em que “dirigimo-nos a uma ou mais pessoas, para manifestar o que queremos que ela faça, ou elas façam”. O autor reconhece nas polaridades afirmativa e negativa as duas formas possíveis de imperativo e prescreve, além das

³ O projeto VARSUL abrange quatro universidades: Universidade Federal do Paraná – UFPR, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

normas já citadas, a exclusão da primeira pessoa, tanto no singular quanto no plural (eu, nós), de igual forma para polaridade afirmativa e negativa. (ROCHA LIMA, 1979, p.112).

Um importante aspecto, tratado pelo mesmo autor, é o fato de o imperativo só ter “um tempo – o presente -, que também se aplica às ordens que são dadas para o futuro e o passado” (ROCHA LIMA, 1998, p. 122), conforme exemplos que seguem.

Faça o que eu lhe *digo*.

Faça o que eu lhe *disser*.

Faça o que eu lhe *disse*. (ROCHA LIMA, 1998, p.122)

As definições acerca do imperativo seguem o mesmo padrão de apresentação nos registros gramaticais ao longo dos anos e, salvo engano, não há registro gramatical para a situação de uso variável deste modo.

4. A SENTENÇA IMPERATIVA E O MODO VERBAL

É preciso reconhecer, além do modo verbal específico, a existência de, ao menos, dois tipos de sentenças para exprimir as mencionadas intenções de ordem, pedido, súplica, conselho:

(i) *Sentenças impositivas* nas quais o falante espera exercer influência direta na ação do ouvinte. Incluímos aqui as sentenças em que o falante faz uso de atenuadores, mas ainda assim pretende ação imediata do interlocutor.

Celi, *bota* um cafezinho aí pra ela, Celi.

(Varsul, POA 09, L 660)

(ii) *Sentenças prescritivas* nas quais o falante tem objetivos mais modestos em relação a seu interlocutor e só sugere uma proposição. Nesses casos, o falante não espera uma ação imediata do ouvinte, mas propõe ao interlocutor uma ação futura ou até mesmo contínua. Neste caso, ficam incluídas as sentenças condicionais.

Aí *deixa* descansar um pouquinho, depois *abre* de novo e *forra* a forma e *bota* galinha.

(Varsul, POA 24, L. 313)

5. DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

5.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

A variável dependente foi definida como sendo a aplicação do *indicativo* para formação do modo imperativo de segunda pessoa do discurso (*tu* e *você*).

Hipótese específica:

Considerando o uso do pronome *tu* como de maior incidência na região em estudo, esperamos que a forma associada ao indicativo seja a mais usada pelos falantes.

A variável dependente é composta pelas seguintes variantes:

1) Imperativo expreso pela variante

1 - Indicativa

Canta essa música agora.

2 - Subjuntiva

Cante essa música agora.

3 – Infinitivo

Cantar essa música agora./ É cantar essa música e sair do palco.

5.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

5.2.1 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

2) Pessoa do discurso

2ª pessoa do singular - *tu*

2ª pessoa do singular - *você*

4 – Sujeito não expreso

Com esta variável pretendemos verificar se o uso do imperativo associado ao indicativo é favorecido com o uso expreso do pronome de segunda pessoa *tu*.

3) Polaridade da estrutura

negativa

afirmativa

Nesta variável trabalhamos com a hipótese de que o uso do indicativo fica desfavorecido em estruturas negativas.

4) Contexto precedente ao verbo

vocativo

Verbo

Adjetivo

Substantivo

Vazio (início de frase, com pausa longa)

pronome

dêitico (lá aqui)

conjunção

numeral

nome próprio

preposição

advérbio

O estudo desta variável tem o objetivo de evidenciar a influência do elemento anteposto ao verbo no uso variável do imperativo.

5) Contexto seguinte ao verbo

vocativo

Verbo

Substantivo

Vazio (início de frase, com pausa longa)

pronome possessivo

dêitico (lá aqui)

conjunção

preposição

advérbio

artigo definido

artigo indefinido

pronome demonstrativo

pronome do caso reto

pronome indefinido

numeral

nome próprio

O estudo desta variável tem o objetivo de verificar a influência do elemento posposto ao verbo no uso variável do imperativo.

6) Número de sílabas do verbo na forma infinitiva

monossílabo

dissílabo

trissílabo

polissílabo

O objetivo desta variável é o de observar a influência do número de sílabas do verbo para a variação no uso do imperativo.

7) Conjugação verbal

Regulares:

primeira AR

segunda ER

terceira IR

irregular de primeira conjugação

irregular de segunda conjugação

irregular de terceira conjugação

Nesta variável, a hipótese é de que verbos regulares favorecem o uso do indicativo e os irregulares pouco favorecem tal uso (SAMPAIO, 2001, p. 83).

8) Vogal precedente à forma verbal conjugada

[a], [ã]

[e], [e~]

[o], [ô]

[u]

[i], [ĩ], [y]

[ɛ]

[ɔ]

Ausência de vogal precedente

A hipótese para esta variável é de que há uma associação fônica entre a forma variável do imperativo e a vogal precedente à vogal temática na forma conjugada do verbo.

9) Tipo, posição, pessoa e ausência de pronomes

Pronome átono *se* antes do verbo

Pronome átono *me* antes do verbo

Pronome átono *me* depois do verbo

Pronome átono *te* antes do verbo

Pronome átono *te* depois do verbo

Pronome *ele, ela* depois do verbo

Pronome *tu* depois do verbo

Pronome *você* antes do verbo

Pronome *tu* antes do verbo

Pronome possessivo depois do verbo

Ausência de pronome na estrutura

A análise apresentada por Scherre (2003) com relação a esta variável é de que pronomes do caso reto favorecem a forma indicativa, pronomes oblíquos de 1ª e de 3ª pessoas favorecem categoricamente o imperativo na forma indicativa quando pospostos ao verbo (por exemplo, Deixe-me ver). No caso de pronomes oblíquos antepostos ao verbo há uma divisão, a saber: 1ª pessoa favorece o uso do indicativo e 3ª pessoa favorece o uso da forma subjuntiva.

Desse modo, observamos que a forma indicativa é favorecida tanto por pronomes do caso reto quanto por pronomes oblíquos pospostos ao verbo. Pretendemos investigar tal comportamento em nossa amostra.

10) Classificação do discurso quanto ao interlocutor da enunciação imperativa

Discurso dirigido à segunda pessoa (quando fala diretamente a uma pessoa da casa)

Discurso direto (em narração)

Discurso dirigido ao entrevistador

Com esta variável pretendemos elucidar a influência do interlocutor (em suas características de intimidade e presença concreta) na formação do imperativo.

11) Paralelismo discursivo

Presença de verbo de mesma conjugação

Presença de verbo de outra conjugação

Ausência de outro verbo conjugado em imperativo na estrutura

Para esta variável consideramos os resultados de Sampaio (2001), os quais apontam para a não relevância de outras formas verbais, que não a imperativa, antepostas ao verbo na forma imperativa. Por isso codificamos somente as ocorrências de paralelismo entre verbos no imperativo, tanto associados ao indicativo quanto ao subjuntivo. A hipótese é de que a segunda ocorrência seja afetada pela primeira.

12) Função do verbo no discurso

Marcador discursivo

Verbo com uso semântico referencial

Com esta variável pretendemos verificar se há variação em verbos na forma imperativa funcionando como marcador conversacional e se tal variação segue o mesmo padrão e regra variável dos verbos com uso referencial.

13) Tipo de texto

Receitas/prescrição

Orientação e ou condicional

Ordem impositiva

Súplica, pedido

Para verificar a hipótese de Faraco (1996) de que há uma especialização pragmática no uso do imperativo associado ao indicativo, optamos por codificar em que tipo de texto aparece o imperativo em questão. Assim, a hipótese é de que ordens impositivas favoreçam o uso do indicativo, por serem estas as mais enfáticas.

5.2.2 VARIÁVEIS SOCIAIS

14) Sexo

Masculino

Feminino

Nesta variável pretendemos elucidar se os papéis sociais envolvidos em questões de sexo exercem alguma influência sobre a aplicação da variável em questão.

15) Idade

25-39

40-55

+ 56

A hipótese é de que o uso do indicativo seja favorecido pela faixa etária mais jovem, conforme resultados já obtidos por Sampaio (2001). A autora apresenta um peso relativo de 0,62 para faixa 1 (20-35 anos), ficando as demais faixas de sua pesquisa com peso relativo abaixo de 0,50.

16) Escolaridade

Ensino fundamental

Ensino médio

Uma característica das orações imperativas é a ausência de sujeito sintático. O estudo de Scherre (2003) afirma que em variedades de textos escritos sem diálogo o uso do imperativo está associado claramente à forma subjuntiva, ainda que tais textos não apresentem sujeito sintático explícito (*você* ou *senhor*). Tal constatação revela uma ligação estreita desse uso do imperativo com a prescrição normativa da gramática.

No entanto, a autora dá uma outra interpretação para esses dados, sugerindo que, na verdade, isso só ocorre porque é o recurso pelo qual os redatores asseguram a interpretação imperativa da sentença, ou seja, para expressar imperativo, sem deixar dúvidas, a forma subjuntiva é a mais adequada, independente de sua relação com a gramática. Assim, os redatores fazem uso do imperativo na forma subjuntiva, independentemente do conhecimento da regra de formação do imperativo expressa pela gramática, sua leitura e transposição para a língua oral (SCHERRE, 2002, In: BAGNO, 2002, p. 221, 222). Com base em tal constatação, defendemos a hipótese de que a escolaridade não será uma variável significativa para a pesquisa

17) Região

Porto Alegre

Panambi

Flores da Cunha

São Borja

O estudo desta variável tem o objetivo de verificar se a região de origem do falante exerce influência no uso variável do imperativo. Sampaio (2001) sugere que a variação do imperativo seja diatópica, já que os resultados obtidos pela autora, em Salvador, são diferentes dos obtidos por outros pesquisadores em outras regiões, como Scherre, por exemplo. Em Salvador o indicativo apresentou uma frequência absoluta de 28%.

Apresentamos, a seguir, a seleção efetuada pelo Varb2000 e os resultados obtidos, bem como nossa interpretação.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 FREQUÊNCIA GLOBAL

Inicialmente, destacamos a aplicação categórica da variável dependente em dados de *marcadores conversacionais*, os quais foram retirados de nossa pesquisa e são discutidos a parte (não apresentado aqui por não se tratar do foco do trabalho). Essa estratégia tornou a variável *Função do verbo no discurso* estatisticamente inviável, já que estaria com um só fator, *verbo com uso referencial*; o que não é permitido pelo instrumento estatístico utilizado; por isso, esta variável foi retirada no arquivo de condições. Com a retirada dos dados em questão, a amostra passou a conter 1001 dados, nos quais a variável dependente foi aplicada em 884, gerando a frequência global de 88% de aplicação para a variável dependente - *imperativo associado ao indicativo*, restando, assim, o uso do subjuntivo com 5% e o uso do infinitivo com 6 % das ocorrências⁴.

A variável *Paralelismo discursivo* apresentou uma concentração de dados no fator *ausência de paralelismo*. Dos 1001 dados totais da pesquisa, 820 foram classificados como *ausência de paralelismo*, o que inviabilizou estatisticamente esta variável, a qual foi, igualmente, retirada do arquivo de condições.

Ressaltamos, ainda, o fato de a variável *Pessoa do discurso* ter apresentado um super fator, a saber, a codificação de segunda pessoa do singular *tu*, que aplicou a variável dependente em 213 ocorrências das 215 classificadas nesse fator (213/215 =99%). Além

disso, esta variável apresentou uma situação pouco ortogonal em relação à variável *Posição do pronome*. Feitas as ressalvas, passamos a apresentar os resultados.

6.2 A ANÁLISE ESTATÍSTICA E AS SELEÇÕES EFETUADAS PELO VARB2000

6.2.1 POLARIDADE DA ESTRUTURA

A Tabela 1 a seguir, mostra que a forma afirmativa favorece o uso do indicativo, corroborando a hipótese de que o imperativo afirmativo seria associado ao indicativo, enquanto que o negativo não apresentaria associação com tal modo. Em nossos dados, devemos observar que há concentração na forma afirmativa, e que o peso relativo de 0,54 é relativamente próximo ao ponto neutro. No entanto, a diferença entre a polaridade afirmativa e a negativa (de 0,41) é estatisticamente relevante. Podemos, ainda, observar que a polaridade negativa diminui o uso do imperativo associado ao indicativo em 38 pontos percentuais. Os valores obtidos ficam muito próximos daqueles obtidos por Scherre (2003), a saber: 0,23 para estruturas negativas e 0,54 para estruturas afirmativas.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Forma Afirmativa	932	841	90%	0,54
Forma Negativa	69	43	62%	0,11
Totais	1001	884	88%	

Input 0.98⁵ Significance .059

Tabela 1: Polaridade da estrutura e produção do imperativo associado ao indicativo

A realidade de diferenciação no uso do imperativo (conforme polaridade), representada pelo favorecimento da produção associada ao indicativo em estruturas afirmativas, encontra respaldo nos registros gramaticais, conforme já relacionamos. A justificativa para essa diferenciação seria uma distinção entre ordem e proibição. As afirmações de Toniolo (1999), também, dão conta de que nosso idioma parece revelar mais confiança na realização de uma ordem positiva do que na efetivação de um ordem

⁴ É importante observar que o Varbrul faz uma aproximação dos valores percentuais de aplicação porque não trabalha com valores quebrados. Por isso os valores apresentados não somam 100%, ou seja, 88% + 5% + 6% = 99%. Ressaltamos que os valores exatos são 88,3% + 5,4% + 6,3 = 100%.

⁵ Embora haja uma distância entre a porcentagem total de aplicação (88%) e o *input* em questão (.98), podemos afirmar que em outras rodadas, em que poucas variáveis foram consideradas no arquivo de condições, o menor *input* atingido foi de .91 e não foram observadas diferenças estatísticas entre os pesos

negativa. Assim, às estruturas de polaridade positiva seria atribuído um grau maior de voluntariedade por parte do falante (BOLEÃO, 1934, p. 127, *apud* TONIOLO, 1999).

Contexto precedente ao verbo

A Tabela 2 mostra o favorecimento do uso de imperativo associado ao *indicativo* quando da ocorrência de *substantivo, adjetivo, nome próprio* ou *numeral* no contexto precedente ao verbo. *Contexto vazio* também é favorecedor da variável dependente com peso relativo de 0,58. *Pronomes, advérbios, dêiticos* apresentam peso relativo próximo ao ponto neutro, mas, ainda assim, favorecem discretamente o uso do indicativo. Os fatores *verbos, preposição e conjunção* são pouco favorecedores do uso do imperativo associado ao indicativo.

Na tabela estão representados os amálgamas realizados. Tais amálgamas foram fruto de uma análise lingüística em busca de justificativas para apresentação conjunta dos fatores e posterior comparação dos pesos relativos de cada fator para avaliação da viabilidade estatística, ou seja, se os pesos relativos apresentados pelos fatores eram aproximados. Esse procedimento se fez necessário frente à situação de pouca ortogonalidade desta variável com as demais.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Substantivos, adjetivos, nomes próprios e numerais	54	50	93%	0,72
Vazio	330	304	92%	0,58
Pronomes, Advérbios e dêiticos	418	371	89%	0,51
Verbos	49	37	76%	0,27
Preposições e conjunções	124	96	77%	0,27
Totais	975	858	88%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 2: Contexto precedente e produção do imperativo associada ao indicativo

Não é possível discutirmos o peso relativo da presença dos vocativos, pois estes foram retirados do arquivo de condições por apresentarem *knockout* com aplicação de 100% do indicativo nos 21 dados codificados nesse fator. A hipótese inicial, apontada por Scherre (2003), sobre o favorecimento do indicativo quando da ocorrência do

relativos dos fatores selecionados quando comparados com a rodada em questão.

vocativo anteposto ao verbo fica comprovada nos poucos casos que encontramos, ainda que não se tenha peso relativo para este fator.

6.2.2 VOGAL IMEDIATAMENTE PRECEDENTE À FORMA VERBAL CONJUGADA

A Tabela 3 mostra o favorecimento do indicativo em verbos em que a vogal precedente à forma verbal conjugada corresponde às médias abertas, no caso as vogais [ɛ] e [ɔ]. As vogais [a], [o] e [e] aparecem próximas ao ponto neutro. As vogais [i] e [u] aparecem como pouco favorecedoras do uso do indicativo, bem como os casos em que essa variável não se aplica.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
[ɛ] [ɔ]	239	238	99%	0,96
[a]	114	105	92%	0,52
[o], [e]	173	149	86%	0,52
[i], [u]	214	186	87%	0,44
Casos em que não se aplica	261	206	79%	0,14
Totais	1001	884	88%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 3: Vogal imediatamente precedente à forma verbal conjugada e produção do imperativo associado ao indicativo

A fim de avaliarmos o paralelismo fônico entre vogal precedente e as terminações verbais, observe-se a Figura 1.

Verbo no infinitivo	Verbo no imperativo associado ao subjuntivo 2ª pessoa	Verbo no imperativo associado ao indicativo 2ª pessoa
Amar (1ª conjugação)	Am –e	Am –a
Vender (2ª conjugação)	Vend –a	Vend –e
Partir (3ª conjugação)	Part –a	Part –e

Figura 1: Distinção entre as conjugações verbais regulares (terminações)

Observe-se que em verbos terminados em AR, o imperativo associado ao

subjuntivo ocorre com terminação em vogal [e], vogal média fechada, para estes mesmos verbos a terminação para imperativo associado ao indicativo é [a], vogal aberta. Em verbos com terminação ER, o imperativo associado ao subjuntivo ocorre com terminação [a] e a associação ao indicativo ocorre com terminação [e]. Em verbos terminados em IR o processo é o mesmo da segunda conjugação.

Uma explicação para as vogais precedentes mais abertas favorecerem o uso do indicativo carece da realização de um cruzamento entre vogal precedente e conjugação verbal, com vistas às terminações expostas na Figura 1. Só assim podemos testar a hipótese inicial de que vogais precedentes abertas favorecem o uso de vogal seguinte aberta. A seguir apresentamos a variável *Conjugação Verbal* para que possamos posteriormente analisar o cruzamento entre esta variável e *Vogal Precedente*.

6.2.3 CONJUGAÇÃO VERBAL

O primeiro destaque a ser feito é que, inicialmente, controlamos os verbos irregulares separadamente em irregulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, e somente depois constatamos a possibilidade estatística para este amálgama. Assim, essa variável indica o favorecimento do imperativo associado ao indicativo de verbos irregulares, conforme pode ser observado na Tabela 4.

Conjugação verbal	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Verbos irregulares	271	249	92%	0,69
Verbos reg. 1ª	22	18	82%	0,44
Verbos reg. 3ª	663	583	88%	0,41
Verbos reg. 2ª	45	34	76%	0,25
Totais	1001	884	88%	

Input .98 Significance .059

Tabela 4: Conjugação Verbal e produção do imperativo associado ao indicativo

Há uma grande diferença entre os pesos relativos dos verbos irregulares e as demais conjugações, o que demonstra que verbos irregulares são fortes favorecedores, em nosso *corpus*, da aplicação do imperativo associado ao indicativo. Nessa variável, os resultados obtidos não corroboram nossa hipótese inicial de que verbos regulares são favorecedores do indicativo e irregulares são pouco favorecedores (SAMPAIO, 2001).

As colunas, em ordem decrescente, indicam uma escala, igualmente decrescente, dos verbos irregulares até os regulares de segunda conjugação. No entanto, há uma inversão entre os pesos dos fatores verbo de terceira conjugação e verbo de segunda conjugação. Como são verbos com a mesma terminação para o indicativo, esperaríamos resultados mais aproximados.

Apesar de os verbos irregulares terem sido amalgamados nesta variável, por terem causado situação de pouca ortogonalidade com outras variáveis, optamos por apresentá-los separadamente no Gráfico 1, referente ao cruzamento das variáveis *Vogal precedente* e *Conjugação Verbal*. Vejamos os resultados obtidos.

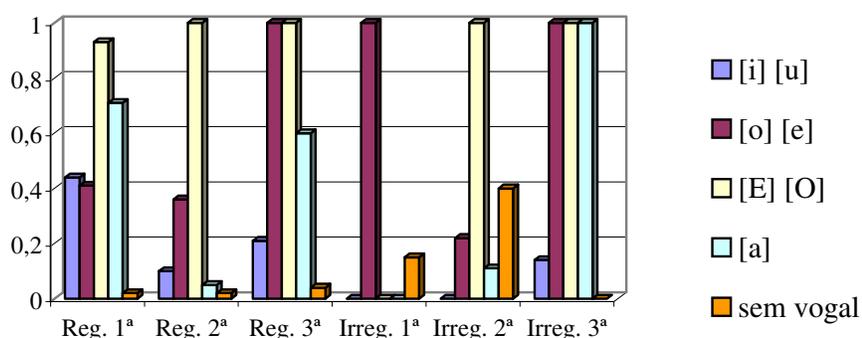


Gráfico 1: Cruzamento entre Vogal precedente e conjugação Verbal: produção do imperativo associado ao indicativo

No Gráfico 1, em verbos regulares de primeira conjugação (AR), o fator que mais favorece o uso do indicativo é a presença de vogais médias baixas [ɛ] [ɔ] (ex: *bota*, *pega*), com peso relativo de 0,93. Também favorece a variável dependente, a ocorrência da vogal baixa [a] em contexto precedente, com peso relativo de 0,71 (ex: *amassa*).

Em verbos de segunda conjugação (ER), as vogais médias baixas [ɛ] [ɔ] (ex: *escolhe*, *mete*) apresentam *knockout* de 100% em favor do indicativo. O segundo fator que mais favorece a aplicação da variável é a presença de vogal precedente média alta [o] e [e], com peso relativo de 0,36 (ex: *vende*).

Na terceira conjugação (IR), as vogais médias baixas [ɛ] [ɔ] (ex: *pede*, *sobe*) e as médias altas [e] [o] (ex: *apresentam*) *knockout* de 100% em favor do indicativo. A vogal baixa [a], com peso relativo de 0,60, é também favorecedora do indicativo nesta conjugação.

Nos verbos irregulares, as colunas mais altas representam *knockout* de 100%. Observamos um crescimento do peso relativo do fator sem vogal precedente dos verbos regulares para os irregulares. Descontando-se os *knockout* este fator é o mais favorecedor da variável dependente para esses verbos.

Podemos constatar que há uma relação entre a vogal precedente e a vogal terminal do verbo conjugado, já que ambas compartilham em todas as conjugações regulares os traços vocálicos de altura e abertura. Desse modo, nos verbos regulares de primeira conjugação a combinação ocorre entre vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ e vogal baixa /a/; nos verbos regulares de segunda conjugação, entre as vogais médias fechadas /e/ e /o/ e a vogal média /e/; nos verbos regulares de terceira conjugação, entre as vogais médias abertas, as médias fechadas e a vogal média /e/.

6.2.4 TIPO DE TEXTO

A Tabela 5 mostra o favorecimento do uso do indicativo em textos de orientação ou condicional com peso relativo de 0,80. As ordens impositivas aparecem com um favorecimento de 0,54, ao redor do ponto de referência. Abaixo do ponto de referência estão os textos de receita, com peso de 0,42, e súplicas e pedidos, com peso de 0,13.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Condicional e ou orientação	91	88	97%	0,80
Ordem impositiva	433	383	88%	0,54
Receitas	457	401	88%	0,42
Súplicas e pedidos	20	12	60%	0,13
Totais	1001	884	88%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 5: Tipo de texto e produção do imperativo associado ao indicativo

Considerando a Tabela 5, podemos correlacionar os resultados com a hipótese de Faraco (1996) a respeito da *especialização pragmática* ligada ao uso do indicativo. O autor defende o uso do indicativo para pedidos ou súplicas como forma de destacar a humildade do falante e também de dar força ilocucionária às ordens. O que fica bem

claro em nossos dados é o uso do indicativo aplicado em *determinados* tipos de texto. Os textos *condicionais* revelam características peculiares, como por exemplo, o fato de não representar uma *ordem* e, portanto, não necessitar de suavização e ou modalização de força ilocucional. Em textos dessa natureza, não se pretende uma reação imediata do ouvinte, e sim enunciar afirmações generalizadas.

Exemplo:

[...] pra cuidar das gaiolas, pra limpar, tem terra, *faz* a mesma coisa (orientação)

(Varsul, POA 07, L. 941)

Assim também é o caso das receitas expressas no imperativo. O ouvinte pode ou não fazer o que o falante sugere ou indica. Além disso, os dois textos envolvem, ao menos aparentemente, questões relacionadas ao tempo, já que tanto orientações quanto receitas só poderão ser cumpridas pelo ouvinte em data futura e não imediatamente.

Ressaltamos que apesar de os textos de receitas serem pouco favorecedores do uso do imperativo associado ao indicativo, isso ocorre em favor do imperativo associado ao infinitivo e não à forma diretamente oposta e concorrente que seria o uso do imperativo associado ao subjuntivo, conforme se observa no Gráfico 2.⁶

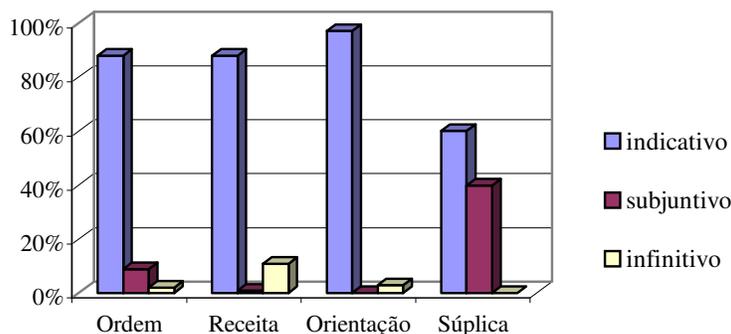


Gráfico 2: Percentual de aplicação das variáveis dependentes por tipo de texto

Observamos que nos textos de receitas há um crescimento do uso do infinitivo (11%). Também chama a atenção, no gráfico, o percentual de uso do subjuntivo em textos de súplica (40%).

⁶ Estes percentuais foram retirados do resultado fornecido pelo programa Make3000 em que o valor de aplicação foi 1,2,3, ou seja todas as variantes da variável dependente.

Na Tabela 5, textos com ordens impositivas aparecem próximo ao ponto neutro, levemente favorecedores do uso do imperativo associado ao indicativo. Talvez isso seja a representação de que o uso do imperativo associado ao indicativo, neste caso, pode ser influenciado por fatores outros, ligados à situação de fala, o que parece ficar ainda mais próximo da definição proposta por Faraco (1996) de *especificação pragmática*.

A Tabela 6, a seguir, mostra a distribuição das ocorrências de textos codificados como ordem impositiva pela variável *Tipo de discurso*, mais evidências para nossa discussão.

Tipo de discurso	Indicativo		Subjuntivo		Infinitivo		Total
	APL.	%	APL.	%	APL.	%	
Discursos dirigidos a pessoas da casa	24	100%	0	0	0	0	
Discursos diretos	249	86%	31	11%	8	3%	288
Discursos dirigidos à entrevistadora	110	91%	10	8%	1	1%	121

Tabela 6: Distribuição das ocorrências do fator textos de ordem impositiva pela variável Tipo de Discurso na Enunciação

Em casos em que se fala diretamente a outra pessoa da casa, o que supostamente implica mais intimidade e menos formalidade, há uma aplicação de 100% do imperativo associado ao indicativo. Já em casos de discurso dirigido à entrevistadora, observa-se um crescimento, ainda que pequeno, do uso do subjuntivo.

A maior aplicação de subjuntivo está justamente nos dados de discurso direto, única possibilidade de ocorrência de situação de mais formalidade envolvida em questões de poder, por exemplo. Isso decorre do fato de termos observado que, nos discursos indiretos, os diálogos reproduzidos ocorreram, entre outros, com chefes, policiamento, freiras, padres... Não controlamos detalhadamente as relações expressas nestes discursos, por isso, o que registramos aqui é uma possibilidade para pesquisas futuras.

Com base nestes fatos, acreditamos que cresce o uso do indicativo quando, na situação de fala, não estiverem envolvidas questões de poder, de ordem, de força ilocucionária ou, ainda, de insegurança por parte do falante, o que ocorreria em ordens potencialmente contraditórias a vontade do interlocutor. Tais elementos parecem apontar

para possíveis esclarecimentos do que seria, em nossos dados, a *especificação pragmática* proposta por Faraco como explicação para associação do imperativo ao indicativo.

6.2.5 POSIÇÃO DO PRONOME

A Tabela 7, a seguir, mostra o favorecimento da variável dependente quando da presença do pronome tu (0,88) antes do verbo, fato que aponta para uma ligação entre o uso do indicativo e a presença de pronome de segunda pessoa tu.

Os pesos relativos obtidos mostram, ainda, que a variável em questão é desfavorecida quando da presença dos pronomes *te, me, se, você, ele, ela, e eu* pospostos ao verbo (0,46), o que não confirma nossa hipótese inicial de que tanto pronomes oblíquos quanto retos, se pospostos ao verbo, seriam favorecedores do indicativo. Também pronomes *oblíquos* antepostos ao verbo e a ausência de pronome na estrutura apontam para o pouco favorecimento do uso do indicativo.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Pronome tu antes do verbo	215	213	99%	0,88
Pronomes te, me, se, ele, ela depois do verbo	34	32	94%	0,46
Pronomes te, me, se, você, ele e ela antes do verbo	49	41	84%	0,37
Ausência de pronome na estrutura	703	598	85%	0,37
Totais	1001	884	88%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 7: Posição do pronome e produção do imperativo associado ao indicativo

Estudos têm sugerido que o aparecimento do pronome sujeito *tu* estaria ligado a situações de intimidade. No nosso entendimento, o número de ocorrências de preenchimento de sujeito com o pronome *tu* funciona como indicador da *situação não formal* que envolve a produção do imperativo. Segundo argumenta Menon (2000), o uso do pronome *tu* no Sul do Brasil tem especificação situacional de informalidade. Mais uma demonstração de que o uso do imperativo associado ao indicativo está relacionado à força ilocucional empregada e ou *especificação pragmática*. Também Macedo e Brito

apresentam o uso do imperativo associado ao indicativo como sendo uma forma mais direta de pedir, a qual é utilizada em situações de igualdade de poder, com pedidos de menor esforço (o que também chamamos de ordens positivas), ou em iterações entre pessoas de muita intimidade (*apud* MACEDO, 2003, p. 64). O exemplo a seguir ilustra a situação de intimidade:

Bota baunilha aqui pra mim? (mulher para amiga na cozinha)

(MACEDO, 2003, p. 64)

Macedo (2003) trabalha com possíveis sentenças e usos verbais para expressar pedidos e/ou ordens em língua portuguesa. No exemplo apresentado, o enunciador faz uso de uma pergunta para obter uma determinada ação de seu interlocutor. Destacamos o uso do indicativo para formar o imperativo nesse tipo de frase, que para o autor está relacionado ao caráter informal da fala.

Além disso, a concordância verbal, ou as marcas morfológicas de segunda pessoa (no verbo), estão desaparecendo inclusive no Sul do Brasil (MENON, 2000). Segundo Menon (2000), o *tu* permanece no dialeto gaúcho como marca lexical de identidade regional, e não mais como pronome de segunda pessoa com marca morfológica própria, o que determina que venha sendo usado ao lado da conjugação verbal de terceira pessoa do singular. Todas essas afirmações fazem crer que o favorecimento do uso do imperativo associado ao indicativo, quando ligado ao pronome *tu*, tem razões ainda mais profundas que necessitam ser desveladas.

6.2.6 CONTEXTO SEGUINTE

A Tabela 8 mostra que advérbios e dêiticos são fortes favorecedores da aplicação do indicativo, com peso relativo de 0,81. Estes são seguidos pelos verbos que apresentam peso relativo de 0,64. Preposições e conjunções apresentam peso relativo bem próximo ao ponto neutro, 0,48. Os substantivos, pronomes possessivos, pronomes indefinidos, oblíquos e do caso reto, artigos definido e indefinido e, ainda, contexto vazio são pouco favorecedores do uso do indicativo.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Advérbios	163	156	96%	0,81
Dêiticos				
Verbos	86	79	92%	0,64
Preposição e conjunção	207	183	88%	0,48
Substantivo	81	69	85%	0,44
Pronomes	135	120	89%	0,41
Contexto Vazio	89	76	85%	0,39
Artigos	237	198	84%	0,34
Totais	808	705	87%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 8: Contexto seguinte e produção do imperativo associado ao indicativo

Inicialmente, queremos destacar que o amálgama realizado para esta variável justifica-se tanto pela proximidade lingüística quanto pela estatística entre os fatores. Advérbios e dêiticos foram amalgamados, sobretudo, devido à constatação de que os dêiticos, ao menos nos dados de que dispomos, realizam função aproximada da função exercida por advérbios de lugar.

Para os demais amálgamas avaliamos viabilidade estatística, comparando os pesos relativos obtidos separadamente. Acerca dos dêiticos, podemos afirmar que as situações imperativas, como enunciação, dependem de um *eu* que faz a enunciação e de um *tu/você (vós/vocês)* que recebe a fala, ordem ou pedido, presentes simultaneamente. Monteiro (1994) afirma que o *eu* e o *tu* são por excelência vocábulos *dêiticos*. Parece que a necessidade da presença de primeira e segunda pessoa em situações imperativas, ao menos nos casos de entrevista pessoal, determina que se tenha uma *proximidade física relativa* entre enunciador e ouvinte, criando ambientes próprios para a utilização de dêiticos, bem como de advérbios de modo e/ou lugar.

O fato de estes elementos favorecerem o uso do imperativo associado ao indicativo estabelece uma relação icônica com a alta frequência global da variável dependente em questão. Assim, situações imperativas privilegiam o uso de dêiticos e/ou advérbios, no contexto estudado, e a presença destes elementos favorece o uso do imperativo associado ao indicativo.

Destacamos que a proximidade relativa aqui defendida não fica comprometida em

casos de discurso direto, pois este tipo de discurso serve justamente para a transposição de situações de forma que se possa reproduzir tal e qual as relações entre o *eu* e o *tu* da enunciação. O *eu* e o *tu* são indicadores dos participantes de um ato de fala. O *eu* é definido em termos de locução e o *tu* só existe em relação ao *eu* que o designa (MONTEIRO, 1994).

Ainda queremos destacar a possibilidade de relação entre os pesos relativos da Tabela 8 e da Tabela 7, *Posição dos pronomes*, com relação aos pronomes. A Tabela 7 indica um peso relativo de 0,46 para pronomes do caso reto amalgamados com pronomes oblíquos pospostos ao verbo, valor bastante próximo do peso relativo obtido pelos pronomes possessivos, indefinidos, oblíquos e do caso reto na Tabela 8, *Contexto seguinte*. Essa relação é possível porque nos dois amálgamas, de ambas as tabelas, consideramos a proximidade lingüística e a estatística, o que determina que o peso relativo do amálgama não é distante dos obtidos individualmente pelos fatores.

6.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

6.3.1 SEXO

A Tabela 9, a seguir, mostra o favorecimento do uso do indicativo quando o imperativo faz parte de uma enunciação feminina, ou seja, produzida por uma mulher.

	Total de ocorrências	Total de aplicação	Porcentagem	Peso relativo
Feminino	600	558	93%	0,63
Masculino	401	326	81%	0,31
Totais	1001	884	88%	

Input 0.98 Significance 0.059

Tabela 9: Sexo e produção do imperativo associado ao indicativo

Não há ainda clareza do papel do gênero feminino em questões de variação lingüística. Sabemos, apenas, que, tendencialmente, as mulheres fazem uso de formas ligadas à norma padrão, enquanto homens se distanciam destas, independente de envolver variação estável ou mudança lingüística (SCHERRE, 1988, p. 429, *apud* SAMPAIO, 2001, p. 105). No entanto, no caso em questão (uso do imperativo), as razões para os valores supra apresentados parecem obscuras. A seleção desta variável é, em nosso

entendimento, bastante instigante, já que não se trata de uma variação com prestígio social, ao menos aparentemente. Salvo engano, não conhecemos nenhum trabalho que tenha revelado índices de estigma com relação ao uso do imperativo associado ao subjuntivo, mesmo com o uso de sujeito de segunda pessoa do singular.

Lucchesi afirma que a generalização acerca do papel da mulher na mudança lingüística é “perigosa para o entendimento da questão como processo histórico” (1998, p. 207). Para este autor, as variáveis sociais não devem ser consideradas isoladamente. Para analisá-las, deve-se considerar um contexto abrangente, no qual cada variável possa ser vista em uma perspectiva totalizadora que dê conta de cada processo histórico particular de mudança lingüística.

No intuito de abordarmos de forma abrangente os resultados desta variável, acreditamos que podem estar envolvidas questões de intimidade ou informalidade nas produções imperativas femininas. As entrevistas foram realizadas em grande parte por entrevistadoras mulheres, o que, cremos, possa ter determinado maior aproximação, e conseqüentemente maior informalidade entre as partes, entrevistada e entrevistadora. No entanto, avaliar essa hipótese esbarra nas dificuldades acerca de como ocorre a interação entre fatores lingüísticos e extra-lingüísticos (como o caso da informalidade/formalidade). Só seria possível se nos dedicássemos a analisar o grau de formalidade entre cada informante e a entrevistadora. Tal tarefa não se demonstra fácil e exigiria controles acústicos mais rígidos do que aqueles que dispomos. Seria preciso controlar mudanças de tom de voz, por exemplo. Por isso, reconhecemos a debilidade na análise, mas defendemos que quaisquer generalizações, específicas do papel da variável sexo, não são producentes para a compreensão do fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise efetuada evidenciou, nos dados do *corpus*, o amplo uso do indicativo para formar o imperativo. O contexto é de uso corrente de segunda pessoa –*tu*, pois trabalhamos com dados do dialeto gaúcho. A pretensão é de que tenhamos conseguido analisar parte do vernáculo gaúcho, já que utilizamos entrevistas de experiência pessoal do projeto VARSUL.

Ao longo da análise apresentada, buscamos discutir, explicar e, na maioria dos casos, questionar as razões para os pesos relativos obtidos na análise estatística. De

forma alguma pretendemos que nossas respostas para cada variável representem análise singular, ao contrário, procuramos, em cada variável, demonstrar que, em se tratando de fenômeno social, como a linguagem, é preciso esforço no desvelamento de cada resultado. É preciso buscar explicações no contexto histórico, social e nos movimentos internos e tendências da própria língua de forma conjugada e dialética.

Concluímos assim que a pesquisa sociolingüística trabalha com índices e pesos relativos de aplicação que indicam realidades muito mais profundas de representação social. Na escolha de uma determinada forma lingüística, ainda que de forma inconsciente, está contido o posicionamento social (situacional) do locutor em relação ao seu interlocutor. Na esteira da produção lingüística de determinada variável, estão outras ocorrências lingüísticas que acabam por estabelecer relação contínua com a aplicação da variável em questão. Ou seja, o ambiente próprio para produção do imperativo associado ao indicativo, constituído pelos fatores de cada variável selecionada estatisticamente, representa um conjunto de formas lingüísticas que integram um ambiente discursivo próprio para ocorrência da variável.

Fatores sociais, situacionais, discursivos e lingüísticos constituem o ambiente apropriado para a produção do imperativo associado ao indicativo. A análise estatística revelou os fatores que mais favorecem o uso do indicativo, portanto, os constituidores do tal ambiente apropriado à produção da variável em questão. Esta seleção é feita com base em variáveis que elaboramos no início do trabalho e por isso, após muito olhar para os dados, acreditamos sejam ainda insuficientes para conclusões mais apuradas acerca do fenômeno. Assim, os fatores elencados como favorecedores da variável representam uma abordagem parcial do objeto pesquisado, no sentido de que temos muito a esclarecer com fatores não pesquisados neste estudo e que só aparecem como apontamentos.

Ainda assim, os fenômenos selecionados fazem parte do contexto de favorecimento e, por isso, apresentamos a seguir um resumo de nossa análise com as variáveis selecionadas: *Polaridade da estrutura, Contexto precedente ao verbo, Vogal imediatamente precedente à forma verbal conjugada, Conjugação Verbal, Tipo de Texto, Posição do Pronome, Contexto Seguinte e Sexo.*

Não privilegiamos a ordem de seleção, e, sim, tentamos apresentar uma linha argumentativa em que inserimos os fatores selecionados estatisticamente. A primeira variável que retomamos é *Polaridade da Estrutura*. Enunciados afirmativos, conforme

já apresentado na análise dos resultados, envolvem um grau maior de espontaneidade por parte do falante em relação aos enunciados negativos de proibição. O falante, até que se pode observar, sente-se mais à vontade para expressar esse tipo de ordem. Em casos de entrevistas de experiência pessoal, as ordens parecem ter um caráter positivo e, são, em geral, ordens que não encontram resistência por parte do interlocutor.

Como já mencionado, essas afirmações não foram controladas forma rígida em cada enunciado, até porque a própria pesquisa indicou a necessidade de esclarecimento desses fatores. Por esse motivo, nossa análise tem um caráter sugestivo para trabalhos futuros acerca do imperativo.

Segue essa mesma característica de favorecimento do indicativo, a seleção dos textos de *orientação e/ou condicional*. Na realidade, as orientações não representam uma ordem de fato. Este tipo de enunciado orienta para uma tarefa, ou caminho, que o interlocutor pode ou não fazer, e, portanto, o cumprimento de tal proposição não está em jogo no momento da enunciação. O que, em nosso entendimento, segue o mesmo critério de voluntariedade exposto para os casos de enunciados afirmativos. Nessa mesma variável, *Tipo de texto*, o fator *ordem impositiva* precisaria ser sub-classificado em uma espécie de tipo de ordem. Ou seja, é preciso classificar se são de ordem com cunho positivo, bem aceitas pelo interlocutor, ou não. Até aqui podemos afirmar que textos de ordem impositiva favorecem o uso da variável em questão.

Outra variável que queremos discutir é *Contexto precedente*. Os enunciados imperativos associados ao indicativo são favorecidos se precedidos de *substantivos, adjetivos, nomes próprios e numeral*. Também favorecem o uso do indicativo contextos *vazios, pronomes, advérbios e dêiticos*. Queremos destacar o papel dos *dêiticos* e *advérbios*, que são apontados como fortes favorecedores também quando pospostos ao verbo conjugado, o que sugere que esses elementos fazem parte de ambiente apropriado ao uso do indicativo para formar o imperativo, quer pospostos ou antepostos ao verbo. Já registramos na análise dos resultados da variável *Contexto seguinte* que esses elementos têm ligação com a situação imperativa, pois esta pode ser considerada como situação dêitica por natureza. Em casos de posposição ao verbo também aparece como favorecedor da variável o uso de *verbos*.

Nos casos de utilização de pronomes antepostos ao verbo conjugado, aparece o pronome *tu* como forte favorecedor da variável. Nossa interpretação para esta ocorrência é de que o pronome *tu* esteja funcionando como indicador de situação informal de fala.

Isso porque autores, como, por exemplo, Menon (2000), têm apontado para tal realidade. O uso do pronome *tu* também vem sendo usado sem correspondência na conjugação verbal, ou seja, seu uso é corrente com conjugação de terceira pessoa, própria para uso do *você*.

A ausência da ligação entre o uso do pronome *tu* e a conjugação verbal, mesmo no indicativo, sugere que não haveria motivo para manifestar ligação com a produção do imperativo associado ao indicativo. Assim, o alto peso relativo de favorecimento para casos de presença do pronome *tu* anteposto ao verbo seria um índice de que fatores que estejam ligados ao uso do pronome *tu* influenciam o uso do imperativo associado ao indicativo, o que nega uma possível interpretação de ligação direta do pronome com a forma imperativa usada, fato aparente. Essa análise argumenta em favor de que na produção do imperativo associado ao indicativo estão envolvidos fatores de *especialização pragmática*, já sugerida e estudada por Faraco (1996).

Na análise da influência exercida pela *Vogal Precedente* queremos destacar que foi possível estabelecermos uma relação entre a vogal precedente e a vogal terminal do verbo conjugado, já que ambas compartilham em conjugações regulares os traços vocálicos de altura e abertura. Em verbos regulares de primeira conjugação, as vogais precedentes médias abertas favorecem terminações com a vogal baixa; nos verbos regulares de segunda conjugação, as vogais precedentes médias fechadas favorecem terminações com a vogal média /e/; nos verbos regulares de terceira conjugação, as médias abertas favorecem vogais finais fechadas e a vogal média /e/.

Com o cruzamento entre *Conjugação Verbal* e *Vogal Precedente*, pudemos constatar que verbos regulares e irregulares compõem classes diferentes no padrão de aplicação do imperativo, já que para verbos irregulares a influência se dá pela ausência de vogal precedente. Ainda sobre conjugação verbal, os irregulares são os fortes favorecedores do uso do imperativo associado ao indicativo. A experiência sugere que em pesquisas futuras seja feito um controle dos itens verbais, ou seja, da ocorrência de cada verbo, a fim de se verificar, por exemplo, que tipo de variação se tem nos verbos irregulares para a segunda pessoa do singular e se algum verbo apresenta comportamento cristalizado.

Das variáveis sociais somente *Sexo* foi selecionada como estatisticamente relevante, no entanto optamos por ampliar a análise social a fim de estabelecer algumas soluções para os objetivos iniciais do trabalho.

Na variável *Sexo* as mulheres aparecem como favorecedoras do uso do indicativo e os homens, como pouco favorecedores. Esse resultado já era esperado, conforme pesquisas anteriores já haviam apontado. Explicações correntes não se revelam produtoras nesta variável e optamos por buscar soluções ou respostas para tal situação. Sugerimos que, num próximo trabalho, seja controlado se a entrevistadora era do mesmo sexo da entrevistada, se houve identificação pessoal entre os participantes do ato de fala, ou seja, se deixam transparecer grau de proximidade.

Na variável *Região* obtivemos comportamento diferenciado por cidade. O cruzamento entre *Tipo de Discurso* e *Região* demonstrou que em Panambi, cidade em que o peso relativo de favorecimento foi o menor, não havia ocorrências de discurso dirigido à segunda pessoa, fator com aplicação categórica de favorecimento nas demais cidades. Também é pouco favorecedor para essa cidade o fator discurso direto, o qual apresentou comportamento oposto nas outras localidades. *Escolaridade* não foi selecionada como estatisticamente relevante, conforme o esperado. Para a variável *Idade*, os números revelam que se trata de variação estável.

Para finalizar, assinalamos que a pretensão deste trabalho foi abordar o imperativo associado ao indicativo, inserido em um contexto histórico, social e situacional. Sabemos que ainda falta muito para esclarecer sobre a conjugação de fatores lingüísticos e sociais e reconhecemos essa limitação do trabalho. Muitas sugestões e questionamentos restam para novos trabalhos, talvez questionadores deste próprio, já que pesquisa é “um ir e vir” de caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BELLARD, Hugo. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo, Cultrix, s/d.
2. LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
3. _____. *The Functional Character of Change*. In: *Language and Society* 20. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
4. _____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

5. LUCHESE, D. *Sistema, mudança e linguagem*. Um percurso da lingüística neste século. Lisboa: Colibri, 1998.
6. MENON, Odete Pereira da Silva. Pronome da segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/ o senhor em Vinhas da Ira. IN: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 129 p. 121-163, Edipucrs, 2000.
7. PAGOTTO, E. *Varição e Identidade*. 2001. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de campinas, São Paulo, 2001.
8. ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*; prefácio de Serafim da Silva Neto. 36ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. (retocada e enriquecida).
9. SAMPAIO, Dilecia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
10. SCHERRE, M. Marta P. et al. *Restrições Sintáticas e Fonológicas na Expressão Variável do Imperativo no Português do Brasil*. In: Boletim da ABRALIN. Florianópolis: 1999.
11. _____. *Norma e uso: o imperativo no português brasileiro*. 2003. Artigo fornecido pela autora.
12. _____. A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolingüística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, Marcos. *Lingüística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
13. TONIOLO, Ênio José. O imperativo no português oral contemporâneo. Trabalho apresentado no XIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná. Campo Mourão, 21-23 de outubro de 1999. In LEFFA, Vilson J.(Compilador).TELA (Textos em Lingüística Aplicada) [CD-ROM]. Pelotas: Educat, 2003.
14. FARACO, Carlos Alberto. O tratamento Você em Português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
15. WEINREICH, U.; LABOV, W. ; HERZOG, M. *Empirical Foundations of a Theory of Language Change*. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. Directions for Historical Linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.

RESUMO: Este texto discute algumas considerações acerca do uso do imperativo no dialeto gaúcho. À luz da Teoria da Variação Lingüística, modelo laboviano, buscamos esclarecer quais fatores lingüísticos e extra-lingüísticos estão envolvidos na produção do imperativo. Através do pacote de programas VARBRUL 2S, efetuamos a análise das variáveis lingüísticas e sociais. Nossa amostra foi composta pelas noventa e seis entrevistas de experiência pessoal, parte do banco de dados VARSUL, compreendendo as cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja. Considerando o contexto do Rio Grande do Sul, região de uso corrente de pronome de segunda pessoa singular – *tu*, compomos nossa variável dependente como sendo o imperativo associado ao indicativo. São, portanto, variantes, além do indicativo, o subjuntivo e o infinitivo. O programa selecionou como estatisticamente relevante as variáveis: Polaridade da estrutura, Contexto precedente ao verbo, Vogal imediatamente precedente à forma verbal conjugada, Conjugação Verbal, tipo de texto, Posição do Pronome, Contexto Seguinte e Sexo. A análise efetuada evidenciou o amplo uso da variante indicativa para formar o imperativo no dialeto gaúcho.

PALAVRAS-CHAVE: Variação lingüística. Imperativo. Dialeto Gaúcho.

ABSTRACT: This work aims at studying the use the imperative in the Portuguese dialect spoken in the Rio Grande do Sul State, Brazil. Under the perspective of Linguistic Variation Theory, Labovian model, we tried to detect the linguistic and social contexts that regulate the phenomenon application synchronically. The statistical treatment is given the computational program VARBRUL 2S. The corpus of the study – part of VARSUL Bank Data – embrace four cities of Rio Grande do Sul State: Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja. Considering the current use of the second personal pronoun – *tu* – in these regions, we defined our dependent variable as the imperative associated to the indicative form. The variants are, besides the indicative form, the subjunctive form the infinitive form. The computational program selected the following variables as statistically significant: Polarity of the Structure, Precedent Context, Preceding Vowel, Verbal Conjugation, Type of Text, Pronoun Position, Following Context and Sex. The results pointed the indicative form as the main variant in this dialect.

KEYWORDS: Linguistic Variation. Imperative form. Portuguese.

Recebido no dia 05 de junho de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 31 de julho de 2007.